PESQUISA BASEADA EM ARTE - CRIAÇÃO POÉTICA DESVIANTE: CONTRIBUIÇÕES DE JAN JAGODZINSKI

ARTS-BASED RESEARCH - DEVIANT POETIC CREATION: CONTRIBUTIONS BY JAN JAGODZINSKI

Maria Cristina Ratto Diederichsen / UFSC

RESUMO
O presente artigo visa a contribuir com os estudos sobre a Pesquisa Baseada em Arte (PBA), trazendo o pensamento de Jan Jagodzinski, da Universidade de Alberta no Canadá, professor, pesquisador e autor no campo do ensino da arte, internacionalmente reconhecido e premiado. Suas críticas e provocações acerca da PBA, que atravessam de maneira inusitada, arguta e desafiadora, aspectos cruciais destas práticas educativas e investigativas, não são ainda significativamente estudadas do contexto brasileiro. Jagodzinski, em uma interlocução com a perspectiva deleuziana, enfatiza o potencial da arte de propiciar modos alargados de pesquisa, experiências-do-fora, criações desviantes, de desestabilizar o olhar do senso comum e operar, mais do que uma construção epistemológica, uma ação ontológica, um devir-arte, de maneira a inventar possibilidades outras de educação e de vida.

PALAVRAS-CHAVE
Pesquisa; educação; arte; experiência-do-fora.

ABSTRACT
This article aims to contribute to the studies on Arts-Based Research (ABR), bringing the thought of Jan Jagodzinski, from the University of Alberta in Canada, professor, researcher and author in the field of art education, Internationally recognized and awarded. His critics and provocations about ABR, which breakthrough in an unusual, shrewd and challenging way, crucial aspects of these educational and investigative practices, are not yet significantly studied in the Brazilian context. Jagodzinski, in a dialogue with the Deleuzian perspective, emphasizes the art's potential to provide broader modes of research, out-side experiences, deviant creations, to destabilize the common-sense gaze, and to operate, rather than an epistemological construction, an ontological action, a becoming-art, in order to invent other possibilities of education and life.

KEYWORDS
Research; education; art; out-side experience

Adentrando…

O que é a realidade sem a energia deslocadora da poesia?
René Char

A Pesquisa Baseada em Arte surgiu nas últimas décadas do século passado, a partir de desejos de pesquisadores nos contextos acadêmico e escolar, de produção, aprofundamento e legitimação de formas de pesquisa que, por utilizarem linguagens artísticas e abordagens estéticas, permitem tecer e mostrar olhares, relações e potencialidades que permaneceriam invisibilizadas em outras formas de investigação. Suas práticas pressupõem o uso de linguagens poéticas, como as visuais, performáticas, literárias ou musicais, nos processos investigativos, nas reflexões, na forma das escrituras, das apresentações e dos relatos.

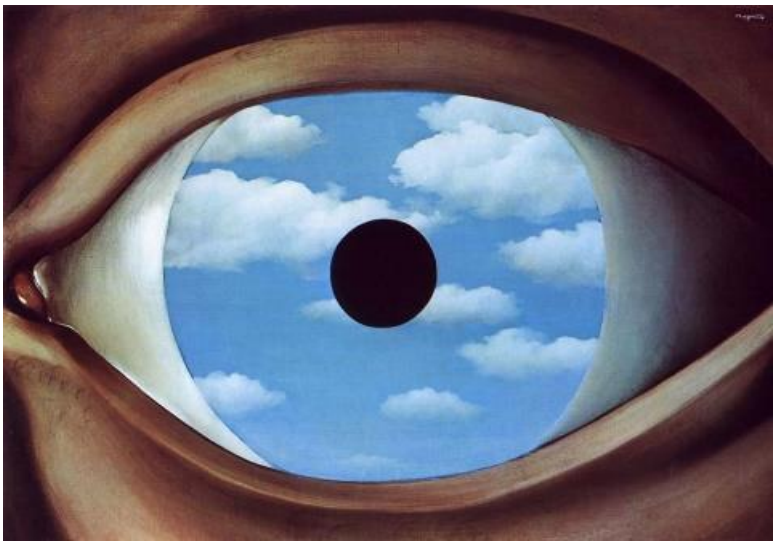

Figura 1 - René Magritte (1898- 1967). *O falso espelho*, 1928
Óleo sobre tela, 54x 80 cm. MOMA, NY.

As metodologias artísticas propiciam modos ampliados de conceber, pensar e significar a pesquisa, instaurando “danças” entre os pesquisadores e seus campos, criando relações e movimentos imprevisíveis, oportunizando visadas diversas, versos e reversos que poetizam o processo investigativo, questionando os lugares comuns do pensamento, as verdades instituídas, tingindo com muitos matizes e “Matisses” a construção e a desconstrução do conhecimento, atualizando possibilidades de percepção e atuação imperceptíveis ao olhar ordinário. Suas práticas, tanto empíricas quanto teóricas, visitam e recriam, através do ato artístico,

as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza.

Estas metodologias de pesquisa foram criadas, sistematizadas e desenvolvidas a partir do trabalho de muitos autores, entre eles: Elliot Eisner (*Stanford University*), Tom Barone (*Arizona State Univesity*), o grupo de pesquisadores canadenses *A/r/togra*fy, os europeus, Ricardo Marín Viadel (*Universidad de Granada*) e Fernando Hernández (*Universidad de Barcelona*) e a dupla Jason Wallin e Jan Jagodzinski (*University of Alberta*) a quem estou dando especial destaque neste artigo. No Brasil, contamos com a consistente tese de doutoramento de Sonia T. Vasconcellos, intitulada "Entre (dobras) lugares da pesquisa na formação de professores de artes visuais e as contribuições da pesquisa baseada em arte na educação", de 2015 (UFPR), o livro "Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia" organizado por Belidson Dias (UnB) e Rita Irwin e publicado em 2013 (UFSM), e artigos de autoria de Marília O. de Oliveira (UFSM), Irene Tourinho (UFG) , Regina Barcelos Machado (USP), entre outros.

O aspecto da PBA que penso constituir sua maior potência é o modo como as linguagens artísticas se inserem na pesquisa, tensionando discursos hegemônicos, agenciando ressonâncias vivificantes tanto no autor quanto no leitor, propiciando uma estética da existência (FOUCAULT, 2015), fomentando terrenos fecundos, onde novas travessias, desejos e sentidos possam semear o por vir de outras humanidades. O olhar sensível nos coloca na pele das coisas, não para compreendê-las, mas para animá-las, fazendo os afetos transbordarem e devirem a energia vinculadora de nossas relações. O olhar poético instaura diferenças, não nos indispondo contra as condições dadas, "mas por cem maneiras de empregá-las com sentidos estranhos à ordem dominante, fazendo-as funcionar em outro registro." (CERTEAU, 2013, p.89). A linguagem simbólica da arte *sugere* e não *afirma,* por não se orientar por uma busca da verdade, oportuniza a necessária modéstia, necessária à abertura de outras perspectivas, que escapem ao controle e à reprodução de um pensamento unívoco e dominante.

Foi justamente a valorização destas potências da PBA que encontrei no livro de autoria de Jagodzinski e Wallin, *Arts-Based Research – A Critique and a Proposal*

(Pesquisa Baseada em Arte – Uma Crítica e uma proposta), de 2013. Eu já havia lido, naquela ocasião, alguns artigos de Eisner, Hernandez, Belidson Dias, Rita Irwin e Marín-Viadel, acerca da PBA e questionava alguns pressupostos das teorias de Eisner e de seus "seguidores", que me pareciam naturalizados, não postos em discussão, suposições tidas como uma "verdade que não é pensada, mas que opera como princípio de pensamento" (KOHAN, 2007, p. 20). Encontrei então, na obra de Jagodzinski e Wallin, elementos de análise, crítica e mesmo de *incisão* nestas questões, que possibilitaram alargamentos em minhas reflexões e a criação de novas perspectivas para pensar as diversas modalidades de investigação artística.

Jan Jagodzinski, importante referência no Ensino de Arte no âmbito internacional, autor de 16 livros e muitos artigos, é ainda pouco conhecido no contexto brasileiro. Há apenas dois artigos de sua autoria publicados no Brasil: *As Negociações da diferença: Arte-educação como desfiliação na era pós-moderna*, que integra a coletânea *Pós-modernismo,* organizada por Ana Mae Barbosa e Jacob Guinzburg em 2008; e *Entre aisthetica e ética: o impacto potencial de Deleuze e Guattari na educação estética*, que integra o livro organizado por Irene Tourinho e Raimundo Martins, *Narrativas de Ensino e Pesquisa na Educação da Cultura Visual*, de 2009.

A maneira como Jagodzinski e Wallin concebem a Pesquisa Baseada em Arte é eminentemente política. Estes autores discutem os modos como entendem que algumas formas de PBA estejam sendo capturadas pelos interesses capitalistas e, sublinham a importância de pensá-la e constituí-la como uma "ética da traição", uma prática desestabilizadora do senso comum dos discursos hegemônicos. Eles apontam certas fragilidades em algumas das correntes de Pesquisa Baseada em Arte, evidenciando a necessidade de se levar adiante, de uma maneira mais efetiva, a potência criadora que sustenta esta modalidade investigativa, abandonando posturas que se mantêm atreladas às representações epistemológicas modernas e às concepções de sujeito fundadas sobre uma transcendência e uma interioridade sempre separada do mundo, tido como externo.

Se Eisner e Barone e o grupo do A/r/tografia valorizam o potencial epistemológico da arte, Jagodzinski e Wallin enfatizam seu potencial ontológico, ou seja, que mais do que um possível instrumento de construção de conhecimento, a arte é uma prática

ontológica: a produção de maneiras de se existir no mundo que não se submetam ao que "todos já sabem" e aos discursos instituídos. Uma das qualidades da PBA seria possibilitar "pensamentos do fora" (BLANCHOT, 1987) que "assaltem a espécie de letargia pela qual os signos já são sempre já distribuídos dentro de um campo semiótico. " (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 5) [1]. As propostas de Eisner e do A/R/tografia são, para Jagodzinski e Wallin (2013, p. 3), pertinentes, mas não desviantes e radicais o suficiente para levá-las até onde elas se propõem ir, eles sublinham a necessidade de se construir perspectivas outras, que, à maneira da arte contemporânea, criem estranhamentos e abranjam as máquinas-desejantes do inconsciente. Jagodzinski e Wallin (2013, p. 8) propõem formas de PBA que não mais aspirem a refletir ou representar o mundo, mas que pelo contrário, subvertam os padrões estéticos ortodoxos estabelecidos, compondo táticas de "dessedimentação" dos hábitos de reconhecimento, que Deleuze e Guattari denominam "território". Os autores de *Arts- Based Research: a critique and a proposal* sugerem que, é na medida em que quebrarmos os hábitos perceptivos do senso comum, que poderemos trabalhar com a liberdade e a força da arte. Vamos agora adentrar algumas destas questões...

Revisitando Eisner

Elliot Eisner é, por alguns autores, considerado o pesquisador que inicialmente sistematizou a PBA. A denominação "Pesquisa Baseada em Arte", segundo Eisner e Barone (2012), teria sido criada por Eisner, em 1993, quando este ministrava um curso sobre formas de educação e pesquisa alicerçadas em concepções estéticas. Outros autores, como Rolling (2012, p. 18) e Jagodzinski e Wallin (2013, p. 53) contestam esta reivindicação de Eisner, afirmando que o conceito de investigação artística já era largamente empregado em artigos e ensaios por alguns autores desde meados do século XX, por exemplo por Lawrence-Lightfoot e Graeme Sullivan. De qualquer forma, a contribuição de Elliot Eisner para o ensino da arte e para a PBA é inegável, tendo ele participado e presidido importantes movimentos e organizações de arte educação, como a InSEA (*International Society for Education Thought Art*) e a DBAE (*Discipline-Based Art Education*). Já na década de 1970, Eisner defendia o potencial investigativo da arte no meio acadêmico. Ele escreveu

diversos livros e artigos, entre eles, “O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação” (2002), publicado no Brasil em 2008.

Em parceria com Tom Barone, Eisner publicou em 2012 o livro “*Arts Based Research*” (Pesquisa Baseada em Arte), resultado de décadas de pesquisa e experimentação. Neste livro, os autores afirmam o potencial epistemológico da arte conceituando a PBA como uma pesquisa qualitativa que através de procedimentos artísticos - literários, visuais, musicais e performáticos - busca possibilitar ao investigador, ao leitor e ao colaborador, experiências e formas de interpretar estas experiências (2012, p. XII). O propósito central que engendra suas reflexões neste livro é o de conferir legitimidade epistemológica à Pesquisa Baseada em Arte, especialmente no meio acadêmico, onde prevalece o entendimento do pensamento científico como único instrumento válido de pesquisa e construção de conhecimento. Estes autores defendem, inspirados no pensamento de John Dewey (1949), que o conhecimento deriva da experiência, tomando como experiência exemplar, a artística. Para Eisner e Barone (2012, p. XXI), a PBA é “um esforço para utilizar as formas de pensar (...) e representar que a arte provê, como modos pelos quais o mundo pode ser melhor compreendido e através dos quais advenha um alargamento da mente”.

Segundo Eisner, damos sentido ao mundo criando e trabalhando formas de representá-lo, pois o mundo é, em grande parte, uma construção, e as representações desempenham um papel crucial nesta composição. As diferentes linguagens delineiam diferentes modos de expressão, plasmam o mundo de diferentes maneiras, plasmam diferentes mundos. “Os seres humanos inventaram uma variedade de formas de representação para descrever e compreender o mundo de tantos modos quantos ele pode ser representado. (...). Cada forma de representação impõe seus próprios limites e provê seus próprios recursos” (Idem, p. 164-166). Para estes autores, métodos genuinamente efetivos em PBA são reconhecidos pelas perguntas que engendram, ou seja, não por fornecerem uma resposta ou uma solução correta para o problema, mas por criar questões que estimulem novas formulações e novas atitudes Jagodzinski e Wallin comentam em seu livro *Arts-Based Research - a Critique and a Proposal*, que consideram a

contribuição de Eisner e Barone para a PBA valiosa e que cabe a nós, agora, levar adiante a caminhada por eles proposta. Parece-lhes, que a maneira como Eisner e Barone concebem a arte, como uma forma de "representação", limita sua potência. Penso que talvez Eisner e Barone não tenham atribuído importância à discussão que os filósofos europeus desenvolveram, desde os anos 1960, acerca das questões do sujeito e da representação, pois tratam a questão do "sujeito expressivo" a partir da noção moderna de sujeito, à maneira kantiana, como sujeito transcendental.

Jagodzinski e Wallin sublinham que, ao definirem a PBA como uma "forma suave de pesquisa qualitativa", enfatizando muitas vezes a forma em detrimento do processo, atribuindo exagerada importância à distinção entre a "natureza não discursiva e emocional da arte" e a lógica das proposições discursivas, Eisner e Barone (2012, p.166) estariam desconsiderando a qualidade discursiva da arte. Estes professores de Alberta sublinham que, para se alcançar os objetivos traçados por Eisner para a PBA, são necessárias ações artísticas que nos levem à uma transformação, a exemplo do que Foucault (2010) denomina uma "estética da existência", ou ainda a exemplo das micro-práticas poéticas de devir, cantadas por Deleuze. Para Jagodzinski e Wallin, é justamente esta traição do conceito moderno de sujeito enquanto *locus* da criação, esta abertura para uma qualidade pré-subjetiva, impessoal e inumana da criação, que constituem a força da PBA.

Revisitando a proposta A/R/tográfica

Um grupo de pesquisadores canadenses, inspirados nas concepções de Eisner, criaram, a partir da década de 2000, outras conceituações e práticas de investigação artística, que denominaram A/r/tografia *(A/R/tography*), talvez a modalidade de PBA mais conhecida no Brasil. São professores/pesquisadores da *University of British Columbia*, Canadá, entre outros: Stephany Sppringay, Rita Irwin, Carl Leggo, A. Sinner e Peter Gouzouasis.

O grupo A/r/tografia define sua prática como uma forma de investigação que desafia as formas conservadoras de pesquisa, criando formas híbridas, habitando intervalos, entre-lugares, questionando cada experiência e instaurando aberturas e descontinuidades (SPRINGGAY; LEGGO; GOUZOUASIS, 2008). Os "a/r/tógrafos"

instigam os pesquisadores a repensar suas múltiplas subjetividades: A*rtist* (artista), R*esearcher* (pesquisador) e T*eacher* (professor), não como identidades isoladas e sim como entidades, que "se multiplicam, se entretecem e se complicam" (Idem, p.37).

Rita Irwin e Alex de Cosson, publicaram em 2004 o livro *A/r/tography: Rendering Self Through Arts-based Living Inquery*, onde definem a A/r/tografia como uma forma de representação analítica e criativa que privilegia tanto o texto quanto a imagem e explicam os papéis do artista, do pesquisador e do professor da seguinte maneira:

> A arte é a reorganização visual da experiência que torna complexo o aparentemente simples ou simplifica o aparentemente complexo. A pesquisa é o realce do significado revelado através de interpretações contínuas de relações complexas que são continuamente criadas, recriadas e transformadas. Ensinar é desempenhar saberes construindo relacionamentos significativos com os alunos (IRWIN; COSSON, 2004, p. 31). [2]

A A/r/tografia é entendida como uma "pesquisa viva", propõe "investigações impregnadas de práticas [que] não são apenas agregadas à vida de alguém, mas são a própria vida deste, de modo que quem se é torna-se completamente emaranhado naquilo que se sabe e faz" (IRWIN, 2013, p. 72). Belidson Dias, organizador, em parceria com Rita Irwin, do Livro "A/r/tografia", comenta que as incursões da A/r/tografia se assentam no conceito de "visualidade, que se refere a como nós olhamos o mundo e que é particularmente relevante para a construção da representação do conhecimento" (DIAS; IRWIN, 2013, p. 22 e 24). Irwin afirma que pesquisa a/r/tográfica tem uma natureza rizomática[3] por estar constantemente fazendo conexões:

> Permitir a alguém obter mais informações ao longo do caminho ao desviar a rota original e explorar outros caminhos, pode parecer uma viagem sem foco, entretanto, ironicamente, pode ser considerada até mais focada ao compreender as particularidades do lugar. Escolher conexões nos proporciona uma compreensão estendida da rota original. (DIAS; IRWIN, 2013, p. 30)

Irwin assume que para a A/r/tografia os conceitos são locais flexíveis e intersubjetivos, e as práticas têm um caráter coletivo, a partir da perspectiva de Estética Relacional de Nicolas Bourriaud (2009), incentivando maneiras de "devir" no mundo, como: contiguidades, aberturas, reverberações e excessos (Idem, p.33).

Jagodzinski e Wallin tecem importantes reflexões em torno das atuações dos integrantes do *A/r/tography*, que são seus amigos e companheiros canadenses. Questionam a maneira como conceito de rizoma é por vezes agenciado sem atualizar a descentralização que o caracteriza, privando-o da "radicalidade que só emerge quando se leva em conta a obra de Deleuze em sua totalidade". (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 5). Interrogam o quanto os "a/r/tógrafos" realizam efetivamente o conceito de "abertura" tão central em suas proposições teóricas, uma vez que valorizam em suas práticas imagens representacionais da "vontade própria", da "autodeterminação", da "autodefinição", o que implica algum centramento do sujeito na esfera mais fechada de uma vontade egóica. Talvez "abertura", acredito, se aproxime mais daquilo que Barthes (2004) chamou "A Morte do Autor", quando nos lembra que "a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é este neutro, este oblíquo pelo qual foge nosso sujeito, o branco e preto em que vem se perder toda identidade." (BARTHES, 2004, p. 57). A abertura é de fato uma condição necessária à pesquisa, à curiosidade, à construção do conhecimento, quando, como sugere Foucault (1984, p. 14), a abertura:

> é a curiosidade, a única espécie de curiosidade que, em todo caso, merece ser praticada com certa obstinação: não a que procura assimilar isso que convenha conhecer, mas aquela que se permite se desprender de si mesmo. Quanto valeria a tenacidade por saber se ela só assegurasse a aquisição de conhecimentos e não, de certo modo e até onde isso é possível, o extravio de quem conhece? Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar outramente de como se pensa e perceber outramente de como se vê é indispensável para continuar considerando e reflexionando.

Embora haja a concepção de identidades múltiplas no projeto a/r/tográfico, muitas pesquisas tem um caráter biográfico, concebendo o sujeito como epicentro da ação artística. Jagodzinski e Wallin advertem ser necessário problematizar noções humanistas do sujeito que reterritorializam o mundo dentro da representação de perspectivas subjetivas do pesquisador, mantendo o sujeito enquanto princípio unificador. (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 88-89). Uma abertura radical, acredito, seria aquela, proposta por Deleuze e Guattari (1995) quando formulam o conceito de Corpo sem órgãos (CsO), uma potência criadora não orgânica, não territorializada no Eu artístico.

A potência do encontro e a "ética da traição" - Jagodzinski e Wallin

No livro *Arts-Based Research – A Critique and a Proposal,* Jagodzinski e Wallin (2013, p.3) concebem a PBA como um dispositivo potencializador de uma "ética da traição" – a criação de atuações desviantes e perturbadoras que resistam, problematizem, desestabilizem e desloquem a mentalidade normatizadora dos pressupostos culturais hegemônicos contemporâneos. Estes autores sugerem que, para conectar a vida à sua potencialidade de liberdade, possibilitando um "povo-por-vir", ideia já vislumbrada por Nietzsche (2011), as imagens dogmáticas do senso comum precisam ser "traídas". Essa a "traição" supõe primeiramente sacudirmos as convenções do pensamento, criarmos deslocamentos, brechas, estranhamentos, não coincidirmos perfeitamente com nosso tempo, como nos lembra Giorgio Agamben (2011, p.73) ao sugerir que podemos estabelecer uma singular relação com nosso próprio tempo acolhendo-o através de uma dissociação e de um anacronismo. "Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, não conseguem vê-la. " Para o filósofo italiano "Contemporâneo é quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever a parte da sombra, uma experiência anônima, impenetrável, mas que nos concerne, nos interpela, nos desnuda." (AGAMBEN, 2009, p. 64). Uma perspectiva da arte enquanto acontecimento, enquanto atuação "performativa/maquínica que crie novos desejos e ações e escape à lógica produtivista do poder moderno que o 'capitalismo designer' coloca em jogo" (JAGODZINSKI; WALLIN, 2013, p. 3),[4] possibilita uma completa reinvenção da história, e nisto reside sua potência ética. O foco central não é *o que a arte é*, mas o que ela *pode fazer:* desviar o caminhar do pensamento da mesmice representacional e dos apelos midiáticos hegemônicos. Uma vez que as imagens e signos do senso comum se tornaram, na atualidade, o domínio do marketing, e estão disseminados nos modelos cognitivos de grande parte da população e das práticas educacionais, é imprescindível o questionamento da "fidelidade representacional" que eles operam, para que se possa produzir uma educação enquanto *educere*, capaz de nos "conduzir para fora" do espaço confinado em que nos encontramos culturalmente.

Para Jagodzinski e Wallin, não é de se admirar que a PBA e a Cultura Visual tenham tido um aumento de popularidade na última década, já que vivemos atualmente em

uma “cultura da imagem” e na imagem também se sustenta todo o discurso padronizante do consumo, tendo nosso olhar sido significantemente territorializado pela estética da indústria publicitária. Para estes autores, as estratégias capitalistas de *marketing* teriam capturado também nossos protestos e clamores por “diferença”, adotando uma abordagem de “colonização do olhar” superindividualizada, que apela para um narcisismo extremo, onde as subjetivações massificadas são vistas como “apenas modos de “fazer negócio” e de sobreviver em nosso tempo inundado pelos valores econômicos

Figura 2 - Jenny Holzer (1950-) *Proteja-me do que quero*. Instalação em Neon, na Times Square, NY. 1985. Fonte: www.e- flux.com/.../jenny-holzer-at-printed-matt. Acesso em 05.03.16

As estratégias de *marketing* se aliaram às do biopoder capturando a imaginação e o desejo e atrelando-os ao *status* conferido pelo consumo. É o que Jagodzinski e Wallin (2013, p. 21) percebem em movimentos como o “capitalismo verde” que absorveram parte dos protestos ecológicos, transformando-os em mercadoria. Da mesma forma, a criatividade estaria sendo agora teorizada como uma mistura de arte, ciência e engenhosidade, determinando outras racionalidades para a arte-educação, atreladas ao empreendedorismo e à formação de trabalhadores criativos para as indústrias. São estas formas que precisam ser “traídas” para desmantelar o fulcro das estratégias de desempoderamento e para propor outras e mais felizes práticas culturais, acadêmicas e escolares.

Instaurar um pensamento do “fora” talvez seja a mais ímpar contribuição da arte contemporânea para a educação e para a pesquisa. Se podemos aprender com a arte atual é porque ela nos põe diante de um impasse, diante do “absolutamente outro”, uma aprendizagem pela “não-aprendizagem”, se quisermos comparar com tudo o que sabemos do que seja aprender. “Apreender, no senso comum, é segurar, agarrar, mas aqui, é justamente ver escorregar das mãos todas as possibilidades de agarrar. Um desafio” (KONESKI, 2009, p. 76). Este ‘”fora” nos força a pensar libertando a vida lá onde ela é prisioneira, constituindo a potência maior da PBA.

Figura 3 - Guto Lacaz (1948-) *Auditório para questões delicadas*,1989.
Instalação flutuante. Parque do Ibirapuera, SP. (fonte: A Metrópole e a arte. SP, Ed Prêmio, 1992.)

Acreditar na possibilidade do mundo: desvios sem fim

Considero como Jagodzinski, inspirada em Deleuze (1992, p. 222), que, “se o vínculo do homem com o mundo se rompeu, reestabelecer este vinculo constitui uma questão ética por excelência” pois:

> Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfície ou volume reduzidos.

Acreditamos na força micropolítica da PBA de suscitar acontecimentos, desestabilizar a banalização do dia, o entorpecimento da noite, a espetacularização do sonho, de escapar à solidez enganosa do círculo asfixiante de nossos hábitos e dos modos estereotipados de pensar e sentir construídos cultural e linguisticamente e instaurar formas poéticas de política, como nos sugere Kohan (2007, p. 52): "em primeiro lugar no pensamento, uma política da experiência e não da verdade, uma política de interrogação permanente que a desinstale do lugar da impossibilidade", para que possamos vir a ser de outros modos, em nossas formas de viver, de conviver e, talvez, em nossas formas de pesquisar e educar.

Notas

[1] (Todas as traduções dos livros em língua inglesa, que constam neste trabalho, são traduções livres de minha autoria) "*Assault a kind of representational lethargy by which signs are always already distributed within a semiotic field*."
[2] "*Art is the visual reorganization of experience that renders complex the apparently simple or simplifies the apparently complex. Research is the enhancement of meaning revealed through ongoing interpretations of complex relationships that are continually created, recreated and transformed. Teaching is performative knowing in meaningful relationships with learners."*
[3] Conferir a noção de rizoma em DELEUZE; GUATTARI, 1995.
[4] "*A transversal transformative act that escapes productionist logic of modern power that designer capitalism puts into play."*

Referências

AGAMBEN, Giorgio*. O que é o contemporâneo e outros ensaios.* Trad. V. Honesko. Chapecó: Argos, 2011.
_____. *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Trad. H. Burigo. B H: Editora UFMG, 2009
BARBOSA, Ana Mae; GUINZBURG, Jacob. *O Pós Modernismo*. SP: Perspectiva, 2008.
BARTHES*,* Roland*. O rumor da Língua.* Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
BLANCHOT, Maurice*. O espaço Literário*. Trad. A. Cabral. Rio de Janeiro: Rocco: 1987.
BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. Trad. D. Botman. São Paulo: Martins, 2009.
CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis: Vozes, 2013
DELEUZE, Gilles. C*onversações*. Trad. Peter Paul Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992.
DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra Neto; Celia Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
DIAS, Belidson & IRWIN, Rita. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. Santa Maria: Edufsm, 2013.
EISNER, Elliot; BARONE, Tom. *Arts based research*. Los Angeles: Sage, 2012.
FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir.* São Paulo : Vozes, 1984.
_____. *A Hermeutica do Sujeito.* São Paulo, Martins Fontes, 2010.
JAGODZINSKI, Jan; WALLIN, Jason . *Arts Based Research, a Critique and a Proposal*. Rotterdam: Sense Publishers, 2013.
KOHAN, Walter O*. Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KONESKI, Anita. A estranha fala da arte contemporânea. Revista Palíndromo, n 3, UDESC. Florianópolis, 2009.
NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra,* Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2011
ROLLING, James Haywood. *Arts-Based Research*. New York: Peter Lang Publishing, 2013
SPRINGGAY, S; LEGGO, C; GOUZOUASIS, P. *Being with A/r/tografy*, Rotterdam: Sense Publishers, 2008.

Maria Cristina Diederichsen
Doutoranda em Educação pela UFSC (2014-2018). Possui Licenciatura em Artes Visuais pela UDESC (2004). Cursou Teatro na ECA-USP e na Universidade de Vincennes (Paris VIII). Atua como professora de Artes Visuais desde 1988, em diversas escolas. Suas ênfases atuais são a Pesquisa Baseada em Arte e a formação de professores, visando a propiciar criações poéticas que possibilitem fazer da vida e do ensino, uma obra de arte. Atuou como atriz profissional de teatro e participou de diversas exposições de Artes Visuais.